

5^o Sebra MUS

seminário
brasileiro de
museologia

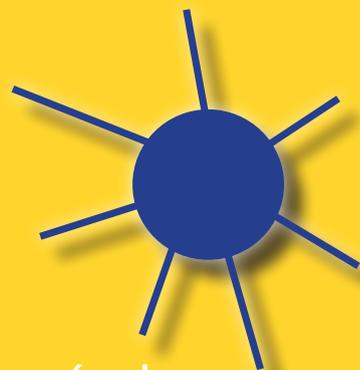
Museologia
em *movimento*:
lutas e resistências

PORTO ALEGRE - RS

Anais

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA
E COMUNICAÇÃO - FABICO

7 a 10 dez. 2022



ANAIS

ORGANIZADORAS

Profa. Ana Carolina Gelmini de Faria (UFRGS);

Profa. Ana Celina Figueira da Silva (UFRGS);

Lizandra Caon Bittencourt (discente do Curso de Museologia e PPGMusPa/UFRGS);

Profa. Márcia Regina Bertotto (UFRGS)

Profa. Vanessa Barrozo Teixeira Aquino (UFRGS)

5º SEBRAMUS

SEMINÁRIO BRASILEIRO DE MUSEOLOGIA

Porto Alegre - RS

Museologia em movimento:
lutas e resistências

7 a 10 de dezembro de 2022

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Criação da Identidade Visual:

Sofia Martinez – Design de Produto/UFRGS – Museu da UFRGS

Ana Porazzi – Design Visual/UFRGS – Museu da UFRGS

Capa e Editoração eletrônica:

Lizandra Caon Bittencourt

NÃO ILUSTRADO

**CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
BIBLIOTECA**

S471a Seminário Brasileiro de Museologia (5. : 2022 : Porto Alegre, RS)
Anais... [recurso eletrônico] / Ana Carolina Gelmini de Faria ...[et al.]
(Organizadoras). – Porto Alegre: UFRGS. Faculdade de Biblioteconomia e
Comunicação, 2023.

p.

Tema: Museologia em movimento: lutas e resistências

ISSN: 2446-8940

1. Museologia - Eventos. I. Faria, Ana Carolina Gelmini de (Org.). II. Título.

CDU: 069

**ITINERÁRIOS SOBRE REPRESENTAÇÕES FEMININAS NAS
COLEÇÕES DO MUSEU JULIO DE CASTILHOS**

Laura Gomes Machado

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação
em Museologia e Patrimônio – mestranda (PPGMusPa/UFRGS)

Ana Celina Figueira da Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação
em Museologia e Patrimônio – docente (PPGMusPa/UFRGS)

RESUMO

O presente artigo tem o objetivo de contribuir com as discussões existentes a respeito de questões sobre identidade cultural, gênero, feminismo e a representação das mulheres, sob o aspecto das coleções pertencentes ao Museu Julio de Castilhos, sendo fruto de pesquisa de dissertação em andamento, abordando as motivações a se investigar as coleções femininas nos museus. Apresenta o estudo das concepções de identidade cultural na sociedade pós-moderna, analisando o feminismo na formação das identidades sexuais e de gênero. Descreve as rupturas nos discursos do conhecimento e da museologia no mundo contemporâneo, em que discute a potência das coleções em uma percepção vinculada às relações de gênero. Evidencia a questão de gênero como transformadora das realidades sociais construídas e representadas nos museus, em que se indaga a perspectiva das representações sociais das mulheres no campo dos museus e do patrimônio.

PALAVRAS-CHAVE

Identidade cultural. Gênero. Feminismo. Coleção. Museu Julio de Castilhos.

ABSTRACT

This article aims to contribute to the existing discussions about cultural identity, gender, feminism and the representation of women, through the analysis of the collections belonging to the Julio de Castilhos Museum. The article the result of a dissertation research in progress, addressing the motivations to investigate women's collections in museums. The study of cultural identity conceptions in postmodern society is presented in this work, analyzing the role of feminism in the development of sexual and gender identities. The ruptures in the discourses of knowledge and museology in the contemporary world are also described in this work, by way of discussing the power of museum collections through the lens of gender relations. The issue of gender is highlighted in this paper as transforming the social realities that are constructed and represented in museums, in which the perspective of the social representations of women in the field of museums and heritage is investigated.

KEYWORDS

Cultural identity. Gender. Feminism. Collection. Julio de Castilhos Museum.

1 Introdução

A presença do gênero, significando um meio de expressar sistemas de relações sociais ou entre os sexos, estão ausentes da maioria das teorias sociais formuladas desde o século XVIII até o começo do século XX. Gênero, como categoria de análise, surgiu no fim do século XX, baseado em algumas teorias modernistas, em analogias aos estudos do desenvolvimento do comportamento e de parentesco que traziam situações como a oposição de gênero, a questão feminina e identidade sexual subjetiva, segundo Scott (1995). O reconhecimento de gênero e as políticas de proteção – pela tomada do corpo como propriedade individual –, marcaram a luta do feminismo como uma ruptura em tudo o que foi construído e que as mulheres foram negligenciadas.

A memória cristaliza-se quando o objeto já não existe mais. E sempre uma recriação deste e, como tal, guarda continuidades e diferenças em relação ao passado vivenciado a que se reporta, afirma Santos (2009). Torna-se necessário problematizar aquilo que é valorizado como memória e as ausências, aqueles que são esquecidos nessa representação simbólica. É nítido que se escolhe preservar e afirmar determinada memória em detrimento de outras.

Nessa perspectiva, a partir dos estudos apresentados por Regina Abreu em sua obra “*A Fabricação do Imortal*”, surgem questões sobre identidade cultural, gênero, feminismo, representação feminina e coleções. Consoante as questões suscitadas, emerge a problematização sobre a representação das mulheres nas coleções do Museu Julio de Castilhos.

O Museu foi idealizado por Julio Prates de Castilhos e criado pelo decreto-lei nº 589, de 30 de janeiro de 1903, pelo Presidente do Estado, Antônio Augusto Borges de Medeiros, denominado “Museu do Estado”. Em 1907, passou a chamar-se “Museu Julio de Castilhos”, em homenagem ao ex-Presidente da Província do Rio Grande do Sul, falecido em 1903. O político havia residido com a família na casa onde até hoje é a sede da instituição. Foi a primeira instituição museológica do Estado, e buscava reunir objetos que representassem as características do Estado do Rio Grande do Sul. Atualmente o Museu Julio de Castilhos tem por sede dois prédios localizados no Centro de Porto Alegre, próximo ao Palácio Piratini e à Praça da Matriz, na Rua Duque de Caxias. O segundo prédio foi obtido pelo Governo do Estado através do decreto nº 2413, de 10 de outubro de 1975, quando desapropriada. Em 1996, foram concluídas as obras de restauração e o prédio foi entregue ao público, como anexo ao Museu Julio de Castilhos.

É emblemático que no ano de 2023 – do alto dos 120 anos de fundação do Museu Julio de Castilhos – instituição que essencialmente representa por meio de suas coleções, conforme

Silveira (2020), as tradições e os valores constituídos pelo ideário masculino, em um contexto patriarcal, androcêntrico e machista, que reverbera o elitismo, a nobreza, as relações de poder, a “consagração” de uma construção masculina, a fabricação da memória e a realidade não retratada, que se realize pesquisa sobre as mulheres nesse cenário.

Andréa Reis da Silveira (2020) traz em sua tese intitulada *“História das mulheres no Museu Julio de Castilhos (POA, RS): presenças e ausências nos objetos documentados (1995-2010)”*, análise sobre a história das mulheres no Museu Julio de Castilhos de 1995 até o ano de 2010 e, nessa perspectiva, realizamos reflexões sobre as questões de identidade cultural, gênero, feminismo e a representação das mulheres nos museus, instigadas, principalmente, a partir do trabalho citado. Esse estudo é fruto de pesquisa de dissertação em andamento, abordando nesse artigo as motivações a se investigar as coleções femininas nos museus. É significativo que as questões trazidas até aqui merecem exaustiva reflexão, permeando a museologia para com as relações contemporâneas, a resistência e o empoderamento feminino.

2 Museologia e o mundo contemporâneo, identidade cultural, gênero, feminismo e coleções

Para melhor compreensão do estudo, apresentamos uma breve articulação teórica entre as temáticas da museologia e o mundo contemporâneo, de identidade cultural, gênero, feminismo e coleções, pensando na representatividade feminina.

Já não se pode manter a concepção de uma identidade cultural estática, é necessário olharmos e discutirmos o sujeito enquanto possuidor de uma identidade cultural, em que percebemos inúmeras transformações ocorridas.

As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (HALL, 2006, p. 6).

A sociedade configura-se do ponto de vista do desenvolvimento. Assim, é imprescindível reconhecer o foco da dialética como possibilidade de construir ambientes de socialização que promovem as interações culturais. Percebe-se que a humanidade está enfrentando um novo paradigma de configuração social, compreendido pela crise de identidade, rompendo com as identidades, os estigmas, as concepções estáticas, promovendo uma convergência de culturas entre diferentes etnias.

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceitualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados. O

sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (HALL, 2006, p. 12).

Essa crise de identidade é caracterizada como parte do processo de socialização cultural. Conforme Hall (2006), um tipo de mudança estrutural, de “globalização” e seu impacto sobre a identidade cultural transformou as sociedades modernas no final do século XX, de modo a fragmentar as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, abalando a ideia de sujeitos integrados, deslocando o sujeito de seu lugar e de si.

Ainda sobre este processo, não importa quão diferentes seus membros possam ser como classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional. Hall (2006) coloca que uma cultura nacional não se cria somente por conexões de lealdade, união e identificação simbólica, mas também é uma estrutura de poder cultural. Memórias individuais ou de grupos se vinculam a uma construção da história nacional, salienta Abreu (1996). Já Laclau (1990), coloca que as sociedades não se desintegram totalmente não é porque estão “unidas”, mas porque seus diferentes elementos e identidades podem, sob certas circunstâncias, ser conjuntamente articulados. Porém, essa articulação é sempre parcial, sendo que a estrutura dessa identidade é sempre aberta. Segundo Laclau (1990), sem isso não haveria história. Para Hernández (2020),

[...] tanto as funções do museu como o mesmo conceito de patrimônio experimentaram mudanças tão profundas que os museus se viram na necessidade de enfrentar os novos desafios que uma sociedade líquida e pós-moderna lhes colocou diante de si. Já não basta ao museu recolher, conservar e expor as suas coleções, mas é chamado a tornar-se um espaço de comunicação e de encontro onde os objetos são considerados como elementos que evidenciam as características de uma determinada comunidade que, através das suas atividades culturais, revelou sua própria identidade coletiva e pretende transmiti-la às gerações futuras (HERNÁNDEZ, 2020, p. 17, tradução nossa).

A questão de enfrentamento em relação às diversas identidades possíveis de serem representadas na sociedade, inclusive nos museus, em contraposição à ideia de uma única identidade nacional, Stuart Hall (2006) exprime essa necessidade de enfrentar ao destacar o feminismo quando retrata a mudança de uma política de identidade (de classe) para uma “política de diferença”, conjuntamente com outros movimentos sociais. Dentre as implicações ocasionadas pelo descentramento conceitual do sujeito cartesiano e sociológico pelo feminismo citadas por Hall (2006), é destacada sua importância para esse processo visto que questiona a distinção entre o “dentro” e o “fora”, o “privado” e “público”. A expressão do feminismo era: “o pessoal é político” (HALL, 2006, p. 45).

Para além, Hall (2006) enfatiza – como uma questão política e social – o tema da forma

como somos formados e produzidos como sujeitos generificados. Isto é, politizando a subjetividade, a identidade e o processo de identificação. Aquilo que começou como um movimento dirigido à contestação da posição social das mulheres, expandiu-se para incluir a formação das identidades sexuais e de gênero. O entendimento de que as mulheres e os homens eram parte da mesma identidade, a “Humanidade”, foi questionada pelo feminismo, substituído pela questão da diferença sexual.

Sob este prisma questionador, as sociedades pós-modernas conforme Laclau (1990), são caracterizadas pela “diferença”. São atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes “posições de sujeito”, ou seja, identidades para os indivíduos. Hall (2006) identifica que à luz de uma sustentação de que as identidades modernas estão sendo fragmentadas, há argumentos de que o que aconteceu para a concepção do sujeito moderno, na modernidade tardia, não foi sua desagregação, mas seu deslocamento. Por meio de uma série de rupturas nos discursos do conhecimento moderno em que é descrito esse deslocamento.

Em um viés generalista, o que se insere como pós-moderno desconstrói com a sistemática dos mitos modernistas ao questionar o papel do Iluminismo para a identidade cultural do Ocidente e o problema da totalidade e do totalitarismo na epistemologia e na teoria política moderna. As preocupações teóricas englobam questões em torno dos efeitos gerados a partir da perda da credibilidade nas narrativas fundadoras e do desgaste de noções e categorias, pouco questionadas até então, como identidade e autoria ou as ideias de ruptura, vanguarda.

Essa visão disruptiva traz à discussão a potência do colecionismo em uma percepção vinculada às relações de gênero. É importante considerar que as representações femininas nos museus podem ser um reflexo das lutas e conquistas das mulheres ao longo do tempo, bem como dos desafios e opressões que ainda enfrentam em diferentes contextos. Atienza (2011) esclarece que:

O acesso das mulheres ao colecionismo artístico é produto de sua marginalidade. [...] Mas, paradoxalmente, a gestão de uma coleção de arte e, por extensão, dos museus, terminou por servir, historicamente, como uma reserva de emancipação estética e íntima, quase secreta. Permitiu que muitas mulheres se aproximassem do mundo, promovendo a sua personalidade, fazendo-se respeitar, criando um campo de decisão para aplicar a inteligência e a razão, despertando entre as pessoas sentimentos de admiração, inveja ou curiosidade; e, em suma, ter um nome e uma presença social (mais difícil de obter, especialmente nas primeiras gerações, no caso de mulheres solteiras) (ATIENZA, 2011, p. 41).

Problematizar a questão de gênero nas relações se torna um instrumento que fortalece a transformação das realidades sociais, inclusive a construída e representada nos museus. Além dessa compreensão, Joan Scott (1995) afirma que gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder, funcionando como força de condução na tomada de escolhas e posições

e na definição das identidades. E segue, em que “o uso de gênero enfatiza todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas não é diretamente determinado pelo sexo, nem determina diretamente a sexualidade” (SCOTT, 1995, p. 76).

Pensando na formação das coleções museológicas Oliveira (2018) indica como estes processos são também atravessados pela questão de gênero, onde,

[...] tanto os objetos colaboram para instituir ou reproduzir os papéis de gênero quanto o próprio gênero institui papéis a serem desempenhados pelos objetos e coleções. Esse aspecto liga-se a problemática acerca das diferenças entre os tipos de objetos escolhidos por mulheres e homens para reunirem suas coleções entendendo que tais escolhas estão identificadas com os valores e identidades atribuídos àquilo que se projeta nos universos das culturas feminina e masculina (OLIVEIRA, 2018, p. 20).

Assim, a construção dessa dicotomia e da posição hierárquica da diferença sexual humana pode servir de analogia para o confronto político entre distintos grupos sociais, em determinado contexto histórico, contribuindo assim para a construção da própria lógica do poder. Outro elemento evidenciado pela autora é que a categoria de gênero, mais do que mero reflexo da ideologia decorrente da luta de classes, funciona nas relações sociais humanas, dando um sentido mais amplo à organização e à percepção do conhecimento histórico.

Pensar gênero permite revisar e analisar a condição das mulheres em diversos contextos revelando na maioria das vezes situações de desigualdade, demonstrando assimetrias nas relações de poder presentes nas experiências de mulheres e homens em nossa sociedade. Também nos ajuda a enxergar e criticar alguns discursos [...] que têm sido sustentados pelo sistema patriarcal dominante (OLIVEIRA, 2018, p. 16).

No que se refere aos processos de formação da sociedade presente, condensados à manifestação do fenômeno museu, Stránský (2008) elucida que,

A teoria museológica, isto é, a ciência museológica, tem o direito de existência e de um futuro desenvolvimento, mas apenas enquanto atender as necessidades e requisitos concretos da sociedade presente. Se os museus se desenvolvem em sintonia com o desenvolvimento da humanidade, e se a teoria museológica se desenvolve de modo similar, segue-se que a teoria como a prática museológica só podem existir e preservar seu direito a um desenvolvimento futuro se lograrem manter-se em devida relação com o desenvolvimento geral da sociedade (STRÁNSKÝ, 2008, p. 104).

Silveira argumenta sobre os fenômenos históricos passados que se tonificam nas subjetividades da sociedade presente. Segundo a autora,

[...] os conflitos entre as próprias mulheres desestruturam avanços de justiça frente às desigualdades de gênero. As histórias das mulheres mostram as hierarquias, os conflitos, os privilégios que se estabelecem entre as próprias mulheres. A variedade de etnias, raças, condições econômicas, idades, pesos, e outras categorias que atingem as mulheres brancas, negras, indígenas ou orientais recebem a carga do tempo em que vivem. As narrativas sobre si e as demais se estabelecem numa visão temporal quando provocadas, em representações

pelo Museu como acesso às experiências SILVEIRA, 2020, p. 106).

Nesse sentido, as representações são construídas socialmente e refletem as atitudes e crenças predominantes de uma determinada época. Seguindo, Chartier (2002) aponta que a representação possui duas definições que estão em desacordo. Por um lado, a representação torna a ausência visível, ao distinguir entre o que representa e o que é representado. A apresentação pública de algo ou alguém é outro tipo de apresentação de uma presença. Chartier (2002) identifica que:

Representar é, pois, fazer conhecer as coisas mediante 'pela pintura de um objeto', 'pelas palavras e gestos', 'por algumas figuras, por marcas' – como os enigmas, os emblemas, as fábulas, as alegorias. Representar no sentido jurídico e político é também 'manter o lugar de alguém, ter em mãos sua autoridade' (CHARTIER, 2002, p. 165).

Já para Bourdieu (2006), a representação é um processo que envolve a comunicação de ideias e valores através de práticas culturais. Ele argumenta que as representações são criadas por um grupo dominante na sociedade que detém o poder cultural e que essas representações são usadas para manter a dominação. Nessa perspectiva, as representações são criadas por um grupo de elite e são usadas para perpetuar o seu próprio poder.

O indivíduo busca significado e representação nos objetos e nos espaços que o cercam, assim, vale ressaltar a importância da organização social e dos relacionamentos de estímulos. A representação pode ser elucidada a partir do que afirma Andréa Silveira (2020) sobre esse conceito:

Representar é trazer à tona algo afastado, distante, mas que interage e se mostra envolvente entre as múltiplas possibilidades de relações. As representações constroem, configuram referenciais, convenciam procedimentos sociais, e desse modo, não são engessadas. Ao contrário, são dinâmicas e podem ser reelaboradas, especialmente quando são inseridas novas informações daquilo que já foi interpretado (SILVEIRA, 2020, p. 16).

Nesse sentido, Chartier (2002) destaca a importância da mediação na produção e circulação das representações, argumentando que as representações não são apenas criadas e disseminadas, mas são também mediadas por instituições. Essas instituições auxiliam a moldar as representações de uma determinada época e a influenciar a forma como as pessoas percebem o mundo ao seu redor. Nesse sentido, quanto à importância de estudar e discutir as coleções, enquanto prática social, condicionadas pelas relações de gênero e, sobretudo, a essa lógica patriarcal, Oliveira e Queiroz (2017) referem-se à

[...] forma como as experiências masculinas são consideradas experiências de todos os seres humanos e tidas como norma universal, tanto para homens como para mulheres, sem que se dê o reconhecimento completo e igualitário à sabedoria e às experiências femininas. Essa lógica silencia as mulheres, nossas experiências, práticas e saberes (OLIVEIRA; QUEIROZ, 2017, p. 69).

Ao que registram Oliveira e Queiroz (2017), reflete-se sobre a importância de discutir a representação das mulheres nos museus.

Nesse sentido, importa-nos perceber onde estão as mulheres nesse universo masculino e reiteradamente masculinizado, e ler nos silêncios e nas ausências, declarados e não declarados de sua representação social. Importa-nos questionar sobre quem elabora tais discursos nos museus (hoje, aqui e agora), a partir de quais olhares, fontes, referenciais ou ideologias. Importa-nos reescrever a história, esta mesma, subvertendo a ordem do discurso (OLIVEIRA; QUEIROZ, 2017, p. 71).

Pesavento (1995) explica que, como expressão do pensamento, o imaginário participa de um campo de representação e assume a forma de imagens e enunciados que tentam definir a realidade. No entanto, as representações e discursos da realidade não são representações precisas da realidade, ou, em outras palavras, não são expressões literais da realidade como um verdadeiro espelho. Isso implica em analisar as representações femininas em uma perspectiva de ambiguidade, pautada por conexões entre presenças e ausências. Torna-se essencial compreender as estratégias, histórias e experiências que estão sendo apresentadas no Museu, inclusive interpretando as conexões das narrativas museais ora expostas com a percepção coletiva de uma sociedade, especialmente os itinerários femininos, o que converge para a criação uma narrativa mais completa, representativa, imersiva e precisa da realidade.

3 Considerações Finais

Sob esse prisma, que se instala pesquisa nas coleções do Museu Julio de Castilhos, há apontamentos para uma mudança significativa nas relações sociais, inclusive sobre o papel das mulheres. A constituição de identidade, o conceito de família, de sociedade e o desempenho de papéis nas relações de gênero, atendem uma ordem diferente da praticada anteriormente.

Em um período pós-moderno, as mulheres buscam um equilíbrio no desempenho dos seus papéis. A sociedade ainda alimenta a expectativa de que as mulheres garantam a perpetuação da espécie, cultivando os valores tradicionais. Sob outro aspecto, construiu-se o gênero como tentativa feminista de reivindicar um espaço de definição metodológica e, assim, demonstrar a inadequação das teorias ora existentes em explicar as desigualdades persistentes entre o mundo das mulheres e dos homens.

Nessa concepção, as relações de hierarquia presentes nas relações de gênero precisam ser estudadas, faladas, evidenciadas e não silenciadas. Que reflitam em pesquisas e estudos que abarquem diversas percepções, e que nessas experiências, as ações sejam ponderadas, executadas e continuadas, envolvendo o feminismo, as questões de gênero, a representatividade,

a resistência enquanto identidade cultural. Enfim, uma verdadeira materialização da importância da memória, expressando genuinamente a cultura, as formas de representações sociais das mulheres no campo dos museus e do patrimônio em um determinado momento histórico.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Regina. **A Fabricação do Imortal**: memória, história e estratégias de consagração no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco: Lapa, 1996.
- ATIENZA, María Bolaños. Las mujeres en los museos: entre museólogas y coleccionistas. *In: Patrimônio en femenino*. Madrid: Ministerio de la Cultura, p. 36-47, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- CHARTIER, Roger. **A Beira da Falésia**: a história entre incertezas e inquietudes. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HERNÁNDEZ, Francisca Hernández. Los museos y el patrimonio en una sociedad líquida. *In: MAGALHÃES, Fernando; COSTA, Luciana Ferreira da; HERNÁNDEZ, Francisca Hernández; CURCINO, Alan (orgs.). Museologia e Patrimônio*. v.1, Portugal: Escola Superior de Educação e Ciências Sociais - Politécnico de Leiria, 2020. p. 10-56.
- LACLAU, Ernesto. **New Reflections on the Resolution of our Time**. Londres: Verso, 1990.
- OLIVEIRA, Ana Cristina Audebert Ramos de; QUEIROZ, Marijara Souza. Museologia - Substantivo Feminino: Reflexões sobre Museologia e Gênero no Brasil. *In: Revista do Centro de Pesquisa e Formação*. n. 5, setembro 2017. p. 61-77.
- OLIVEIRA, Ana Cristina Audebert Ramos de. Colecionismo a partir da Perspectiva de Gênero. **Museologia & Interdisciplinaridade**, [S. l.], v. 7, n. 13, p. 15-30, 2018.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra história: Imaginando o Imaginário. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 15, n. 29, 1995.
- SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Museu Imperial: A construção do Império pela República. *In: ABREU, Regina. CHAGAS, Mário (orgs.). Memória e Patrimônio*: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: Lamparina, p. 115-135, 2009.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. p. 71-99, 1995.
- SILVEIRA, Andréa Reis da. **História das mulheres no Museu Julio de Castilhos (POA, RS)**: presenças e ausências nos objetos documentados (1995-2010). 2020. Tese (Doutorado em História) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.
- STRÁNSKÝ, Zbynek Zbyslav. Sobre o tema "Museologia - ciência ou apenas trabalho prático?" (1980). **Revista Museologia e Patrimônio**, v. 1, n. 1, 2008. p. 101-105.